

Naffah – Loparic: discussão sobre a visão de Freud apresentada por Loparic na Revista Cult

Z. Loparic

IBPW/IWA

Alfredo Naffah Neto

IBPW/IWA/PUC-SP

Apresentação

Num WhatsApp pessoal de 16 de abril de 2022, Naffah dirigiu a Loparic breves comentários críticos sobre seu texto “Dois modos de vida de um homem”, publicado online pela *Revista Cult* na Coluna do Instituto Winnicott. Seguiu-se, em mensagens pessoais no WhatsApp, uma troca de respostas e críticas, que foi retomada por ocasião do segundo post de Loparic na coluna da *Cult*, de 13 de maio de 2022, intitulada “Onde vivemos criativamente”. Ambos concordaram que uma parte do intercâmbio do dia 15/05 fosse disponibilizada para os professores credenciados do IBPW. Em 3 de junho, Loparic sugeriu a Naffah que os argumentos apresentados na discussão no WhatsApp fossem revistos ou, se necessário, expandidos, para serem publicados conjuntamente no *Boletim Winnicott no Brasil* como esclarecimento das ideias em pauta e como contribuição para o fortalecimento da cultura de discussão, mostrando, por meio de um exemplo concreto, que é possível colaborar institucionalmente e defender publicamente teses diferentes ou mesmo contrárias. Naffah aceitou. Essa última troca de ideias encontra-se publicada no que segue.

I. E-mail de Naffah a Loparic de 3 de junho de 2022

Caro Loparic,

Você pediu que eu detalhasse minhas críticas a sua visão de Freud – nos dois artigos que escreveu para a *Revista Cult* – e que eu classifiquei como *estereotipada*, afirmando que Freud é muito mais rico e multifacetado do que sua visão deixa entrever. Seguem, então, algumas observações sobre fragmentos dos seus dois textos. Note bem: *deixei seus comentários sobre Winnicott completamente de fora das questões exploradas aqui, porque as minhas críticas não foram sobre sua visão de Winnicott, mas sobre sua visão de Freud.*

1. Fragmento 1:

O problema básico da psicanálise de Freud, todos sabemos (deixo de lado os desenvolvimentos posteriores e Lacan), diz respeito à vida sexual. Trata-se de descobrir como é possível viver realizando o programa do princípio do prazer. Viver, aqui, significa envolver-se com objetos sexuais e administrar esses relacionamentos de modo a, pelo menos, diminuir o desprazer. As dificuldades surgem das situações da vida sexual.

Observações:

1.1 [Trecho do Fragmento 1 de Loparic]

O problema básico da psicanálise de Freud, todos sabemos (deixo de lado os desenvolvimentos posteriores e Lacan), diz respeito à vida sexual.

A frase está correta, porém é preciso entender que sexual, para Freud, não tem o sentido dado pelo senso comum. A sexualidade freudiana funciona como uma espécie de força vital, no sentido pleno do termo, e seu funcionamento consiste sempre numa modulação entre o aumento e a descarga dessa energia vital, buscando uma homeostase do organismo (pela ação das pulsões de autoconservação). Se isso não é dito, fica valendo o sentido do termo do senso comum.

1.2 [Trecho do Fragmento 1 de Loparic]

Trata-se de descobrir como é possível viver realizando o programa do princípio do prazer. Viver, aqui, significa envolver-se com objetos sexuais e administrar esses relacionamentos de modo a, pelo menos, diminuir o desprazer.

Frase pouco correta. Não se trata de viver realizando o programa do princípio do prazer; no interior da primeira teoria pulsional, trata-se de administrar a vida buscando um funcionamento harmonioso, que leve em conta o princípio do prazer e o princípio de realidade, lembrando que prazer, para Freud significa modulações entre o aumento e a descarga de energia psíquica, buscando uma homeostase do organismo. A partir da segunda teoria pulsional, viver significa administrar a relação entre Eros (pulsão de vida) e Tânatos (pulsão de morte), para que a primeira possa se fundir com a segunda e administrá-la (deslocando sua maior parte para os objetos e constituindo, assim, a pulsão destrutiva), a fim de preservar o organismo do seu funcionamento desconstrutivo. Nesse caso, a pulsão sexual passa a designar um impulso de ligação e coesão de formas vivas complexas (“...a libido das nossas pulsões sexuais coincidiria

com o Eros dos poetas e dos filósofos que mantém a coesão de tudo o que vive”, Freud, apud Laplanche e Pontalis, *Vocabulário de psicanálise*, Lisboa, Moraes, 1970, p. 206). Portanto, não tem nada a ver com o sentido de sexualidade do senso comum. Mas, no seu texto, tudo parecer convergir para o sentido comum do termo.

1.3 [Trecho do Fragmento 1 de Loparic]

Viver, aqui, significa envolver-se com objetos sexuais e administrar esses relacionamentos de modo a, pelo menos, diminuir o desprazer. As dificuldades surgem das situações da vida sexual.

Valem, aqui, as mesmas observações feitas anteriormente sobre o termo “sexual”. Além do mais, a partir da segunda teoria pulsional, viver passa a significar, mais do que tudo, poder criar representação e de inserir na memória eventos traumáticos que permanecem sem representação e exteriores ao psiquismo, sob a domínio da pulsão de morte. São essas marcas não representadas e não memorizadas que ameaçam a vida, ficando o indivíduo à mercê da pulsão de morte e gerando compulsões à repetição. Ou seja, trata-se, não mais de evitar o desprazer, mas, justamente ao contrário, de ser capaz de lidar com o desprazer da angústia e de suportá-lo, a fim de poder significar esses eventos traumáticos. Portanto, a questão é muito mais complexa e multifacetada do que você a pinta.

Passemos, agora, ao segundo fragmento (copiado do segundo artigo).

2. Fragmento 2

Winnicott estabeleceu um forte contraste entre a sua concepção de um modo criativo de viver – que permite ao indivíduo construir uma vida que, mesmo sofrida, vale a pena ser vivida – e a concepção freudiana de um modo de vida adaptativo, a serviço da maximização do prazer sexual, na sujeição às restrições impostas pela sociedade (repressão) ou pela razão (sublimação). A repressão incide sobre as relações objetivas de base genital e gera conflitos na realidade interna freudiana, isto é, entre as instâncias do aparelho psíquico, resultando em inibição de impulsos, empobrecimento da experiência de viver, a não ser na fantasia desencarnada, e em várias formações defensivas que caracterizam a neurose individual e coletiva. A sublimação força a transição da área materna da sensualidade para o domínio do pai e da razão povoado de objetos mais elevados, mediante sujeição à lei do pai (ao social) ou aos ideais da razão prática. Estes recebem configurações mentais, não integradas numa pessoa e que podem ser vistas, sugere Winnicott, como formas do falso si-mesmo, personalidade complacente que vive na e pela mente, de forma estereotipada, sem relação íntima com o funcionamento do corpo ou mesmo com a imaginação.

Observações:

2.1 [Trecho do Fragmento 2 de Loparic]

Winnicott estabeleceu um forte contraste entre a sua concepção de um modo criativo de viver – que permite ao indivíduo construir uma vida que, mesmo sofrida, vale a pena ser vivida – e a concepção freudiana de um modo de vida adaptativo, a serviço da maximização do prazer sexual, na sujeição às restrições impostas pela sociedade (repressão) ou pela razão (sublimação).

Frase equivocada em vários aspectos. Deixando Winnicott de lado – já que não é da sua visão dele que estou tratando nessas observações –, vamos ao trecho: “...a concepção freudiana de um modo de vida adaptativo, a serviço da maximização do prazer sexual, na sujeição às restrições impostas pela sociedade (repressão) ou pela razão (sublimação)”. Ora, não se trata, efetivamente, de “um modo de vida a serviço da maximização do prazer sexual”, já que, aqui, novamente, você utiliza “prazer sexual” no sentido do senso comum. Por tudo o que já disse nos comentários anteriores, não é disso que se trata, e sim da administração de Tânatos por Eros (esse é o último Freud!). Além disso, o “modo de vida adaptativo” que você opõe ao criativo de Winnicott, mostra-se totalmente equivocado quando pensamos em “sublimação”, já que esta pressupõe *criação* de cultura (arte, ciência etc.). Por último, a repressão em Freud não é provocada, primariamente, pela sociedade (isso é Reich!), mas pelo excesso de angústia no psiquismo (a sociedade somente entra num segundo plano).

2.2 [Trecho do Fragmento 2 de Loparic]

A repressão incide sobre as relações objetais de base genital e gera conflitos na realidade interna freudiana, isto é, entre as instâncias do aparelho psíquico, resultando em inibição de impulsos, empobrecimento da experiência de viver, a não ser na fantasia desencarnada, e em várias formações defensivas que caracterizam a neurose individual e coletiva”.

Outro equívoco: a repressão não incide somente sobre as relações objetais de base genital, mas também sobre as de base oral, anal e fálica, sempre que a angústia gerada se torna insuportável em qualquer um desses registros. E não sei de onde você tirou essa “fantasia desencarnada”! A pulsão é posta por Freud como um impulso com fonte somática e representação psíquica, portanto, como um conceito que faz justamente a conexão entre o somático (corpo) e o mental (que, para ele, é sinônimo de psíquico). Nesse sentido, as fantasias, como expressões pulsionais são totalmente encarnadas!

2.3 [Trecho do Fragmento 2 de Loparic]

A sublimação força a transição da área materna da sensualidade para o domínio do pai e da razão povoado de objetos mais elevados, mediante sujeição à lei do pai (ao social) ou aos ideais da razão prática. Estes recebem configurações mentais, não integradas numa pessoa e que podem ser vistas, sugere Winnicott, como formas do falso si-mesmo, personalidade complacente que vive na e pela mente, de forma estereotipada, sem relação íntima com o funcionamento do corpo ou mesmo com a imaginação.

Vários equívocos: “sujeição à lei do pai” não é Freud, é Lacan.

Quanto a “configurações mentais, não integradas numa pessoa e que podem ser vistas, sugere Winnicott, como formas do falso si-mesmo, personalidade complacente que vive na e pela mente, de forma estereotipada, sem relação íntima com o funcionamento do corpo ou mesmo com a imaginação”, novamente, não sei de onde você tirou isso! E lhe digo mais, se foi sugerido por Winnicott, como você diz, ele estará totalmente equivocado! Não terá lido Freud com o cuidado necessário! Os objetos criados pela sublimação são, como todas as formações das transformações pulsionais, engendrados pelo psicossoma, conforme afirmei no comentário anterior. Lembre-se de que Freud disse que o ego é, primariamente, corporal (e somente num segundo momento ganha dimensão psíquica) e que o corpo é, em sua totalidade, uma zona erógena, ou seja, um palco no qual Eros trabalha na edificação da vida, por meio de uma fusão com Tânatos, para o controle e dominação da pulsão de morte. Nesse sentido, não sei mesmo o que isso tudo tem a ver com o falso si-mesmo complacente winnicottiano, que se forma como defesa esquizofrênica diante de falhas ambientais insuportáveis. Não é viajar muito longe?

O sistema freudiano pode ser, sem dúvida alguma, passível de críticas e transformações. Todos os sistemas teóricos o são. Aliás, o próprio Freud nunca o propôs como definitivo, já que o foi transformando o tempo todo, ao longo da vida. Mas ele não é, de forma nenhuma, simplório, como sua descrição sugere. Os psicanalistas da segunda e terceira geração, sem dúvida, o enriqueceram, Winnicott entre eles.

Mas, ainda acredito que sem Freud não haveria Ferenczi; sem Ferenczi não haveria Klein; e, sem Freud, Ferenczi e Klein, não haveria Winnicott. Heidegger foi, sem dúvida, um grande filósofo, mas ele nem mesmo aceitava a noção de inconsciente, não é verdade?

P.S. Peço-lhe para não tomar as críticas como algo pessoal, pois aprecio seu trabalho no Instituto e admiro muito seu conhecimento sobre Winnicott.

Grande abraço,

Alfredo Naffah Neto

II. Resposta de Loparic ao e-mail do dia 03/06/2002 de Naffah

Caro Naffah,

Agradeço muito sua disposição em detalhar as críticas à minha exposição, feita nos dois posts da coluna “O lugar em que vivemos” do Instituto Winnicott na *Revista Cult*, das ideias de Freud sobre como viver a vida em contraste com as ideias de Winnicott. Eu lhe pedi que explicitasse as razões pelas quais você criticou minha exposição como “estereotipada”, afirmando que Freud é muito mais rico e multifacetado do que a minha visão deixava entrever. Achei que conhecer seus argumentos seria proveitoso para mim, para o desenvolvimento da cultura de discussão no Instituto Winnicott e para meus leitores em geral. Seguem aqui, então, minhas respostas a suas objeções, que enriquecem, e muito, a crítica inicial de estereotipia. Isso permite também que as respostas que desenvolvo possam ser mais extensas, retomando teses que afirmei em publicações anteriores ou mesmo em alguns inéditos. Assim como você, deixei de lado seus comentários do WhatsApp sobre minha exposição de Winnicott. Quanto às posições de Winnicott, abordarei apenas as que forem relevantes para a nossa discussão presente.

A fim de facilitar a leitura de minhas respostas, desdobrei meus dois fragmentos da *Cult* que você cita em trechos menores e marquei com letras maiúsculas em negrito e entre parênteses partes de suas observações críticas, utilizando as mesmas letras nas respostas. Numa terceira parte de respostas, abordo o que você diz no final do seu e-mail sobre o sistema freudiano e Heidegger.

Observo, ainda, que nós não falamos a mesma linguagem. Por exemplo, você usa o termo “pulsão”, galicismo inspirado principalmente em Lacan, como tradução do termo *Trieb* de Freud, quando este é usado no sentido metapsicológico ou mesmo, o que me confunde, no sentido descritivo. Eu prefiro “instinto” pois, 1) *Trieb* é a tradução para o alemão de *instinctus* em latim, termo que está na origem etimológica do “instinto” em português; 2) em Freud, *Trieb* designa, em muitos contextos, os instintos como parte do equipamento biológico humano, a fome e o sexo; 3) *Trieb* é utilizado também no sentido metapsicológico, inspirado em especulação física e, ao mesmo tempo, em filosofia e mitologia, grega e bíblica, permanecendo, contudo, relacionado, ainda que nem sempre de modo muito claro, ao sentido biológico. De acordo com isso, ao falar de Freud, eu uso, como ele, o mesmo termo, a saber, o “instinto”, ora no sentido (2) ora no sentido (3). Isto é só um exemplo. Mesmo assim, creio que a discussão franca é sempre um estímulo e fonte de enriquecimento.

1. Trechos do Fragmento 1, copiados acima do primeiro artigo de Loparic na *Cult* seguidos de observações de Naffah e de respostas de Loparic

1) Trecho 1.1

O problema básico da psicanálise de Freud, todos sabemos (deixo de lado os desenvolvimentos posteriores e Lacan), diz respeito à vida sexual.

Naffah: (A) A frase está correta, porém é preciso entender que sexual, para Freud, não tem o sentido dado pelo senso comum. (B) A sexualidade freudiana funciona como uma espécie de força vital, (C) no sentido pleno do termo e seu funcionamento consiste sempre numa modulação entre o aumento e a descarga dessa energia vital, buscando uma homeostase do organismo (pela ação das pulsões de autoconservação). Se isso não é dito, fica valendo o sentido do termo do senso comum.

Loparic: (A1) Não sei qual seria o senso comum do qual você me aproxima. Freud se queixava, como sabemos, que sua teoria da sexualidade, apreciada superlativamente por certa elite vienense e internacional, era recebida com incompreensão por parte de um “pensamento popular” local, do vulgo vienense. Bem, o meu tempo é outro e eu não sou um vienense. Ao discutir a concepção freudiana do mundo da vida nos meus posts da *Cult* e, aqui, com você, eu parto, é claro, de certos pressupostos positivos e negativos, mas faço notar, que eles não são os mais comuns. Levo em conta, entre outras coisas, a *teoria empírica da sexualidade* elaborada por Freud e Abraham; *não* levo em consideração a metapsicologia freudiana por razões que apresentarei a seguir; por fim, tenho muito presente certo senso comum compartilhado por Freud, que, conforme mostrarei, contém componentes de várias origens (pessoais, históricas, religiosas, filosóficas, ideológicas) encontradas na vida de Freud e na cultura da sua época, que são de importância decisiva para compreender do que estamos falando no presente contexto. (B) Antes de entrar na discussão que você me propõe, lembro que no meu post 1 da *Cult*, eu não parto da questão de saber como “funciona” a sexualidade freudiana – se ela é ou não é uma manifestação de alguma “espécie de força vital” ou coisa do gênero –, mas do que chamo de “problema básico da psicanálise de Freud”, o problema de saber em que consiste *viver realizando o programa do princípio do prazer*. Viver, aqui, conforme expliquei, significa envolver-se com objetos sexuais e administrar ou modificar esses relacionamentos de modo a, pelo menos, diminuir o desprazer. Esta é uma tese sobre o que está em questão na vida humana, que vem do senso comum cultural compartilhado por Freud – explicarei isso melhor a seguir –, que pode ser questionada. Aliás, foi questionada já muito cedo por seus colaboradores, por exemplo, por Jung, que se valia em parte do mesmo caldo cultural, só que de outra maneira, e, mais recentemente, por Winnicott, que diz que o que está em questão é *ser* (começar a existir,

sentir-se real, tornar-se alguém, um existente no mundo) mais do que o *sexo*. Sendo assim, deixarei de lado esse meu ponto central de que, para Freud, a *vida humana* é construída na e pela administração da *vida sexual*. (C1) Para entrar em nossa discussão, seguirei sua explicação de qual seria, para Freud, o “sentido pleno” dos termos “sexualidade” e “vida sexual”. A teoria da sexualidade de Freud diz que a vida sexual se joga na modulação de cargas e descargas de certa “energia vital”, na manutenção por nossas “pulsões de autoconservação” da “homeostase” de nosso “organismo”. Assumindo que esta é uma correta apresentação de Freud, vejamos as implicações desse modo de descrever o que acontece em nossa vida. No sentido desse Freud, a vida sexual de cada um de nós, enfim das contas, a sua vida – não há como deixar de lado por completo o senso – não seria sua, vivida por ele/ela, mas um acontecer mecânico, além de qualquer experiência possível. Nesse caso, estaríamos, quando fazemos ou não fazemos sexo, correndo perigo de algum desequilíbrio, precisando ajudar, não sabemos como, a homeostase do nosso organismo? Deixe-me dizer, que, conforme entendo, os que aderiram ao senso comum brasileiro cantado por Chico Buarque não veem sentido experiencial algum nesse tipo de problema e costumam deixar-se levar pelo encanto feminino sem se preocuparem com a homeostase de seu organismo. (C2) Tendo deixado claro ser impossível para mim usar no *sentido descritivo* o linguajar metapsicológico de Freud sobre o sexo, que você me pede para considerar, quero enfatizar, que, ao falar de Freud nos meus dois posts na *Cult*, eu utilizo, conforme disse acima, o termo “vida sexual” no sentido descritivo, explicitado por Freud, aquele dos *Três ensaios sobre a teoria de sexualidade* (1905), texto baseado em observações clínicas, dele mesmo e de outros pesquisadores, que não recorre à metapsicologia que você ressuscita. Estudei essa teoria freudiana clínica da sexualidade com alguma profundidade em meu artigo *Elementos da teoria winnicottiana da sexualidade* (2005) e, em 2018, na PUC-PR, dei um curso sobre a teoria da sexualidade de Freud livre de metapsicologia (ambos acessíveis em vídeo no *Acervo Loparic*). Cito minha ementa:

O objetivo no presente semestre é mostrar que a parte essencial da teoria freudiana da sexualidade, em particular os elementos expostos em *Três ensaios* (desenvolvimento sexual, estágios, zonas erógenas, relações objetais sexuais, desejos e paixões, objetivos, inversões de objetivos, frustrações, relacionamentos, situações e grupos sociais a base genital etc.), pode ser lida como uma teoria empírica no sentido kantiano, portanto, sem o recurso às ficções heurísticas da metapsicologia. Como modelo para essa abordagem será usada a teoria do desenvolvimento da libido elaborada por Karl Abraham em “Breve estudo do desenvolvimento da libido visto à luz das perturbações mentais” (1924).

Nesse estudo, faço, portanto, o mesmo recorte de Abraham em *Breve estudo do desenvolvimento da libido* (1924), o qual conduziu suas pesquisas clínicas sobre o assunto indicado no título por “métodos estritamente empíricos” (p. 157), sem jamais abandonar o terreno de fatos empíricos pelo do raciocínio especulativo, e que foi recebido favoravelmente por Freud. Sendo assim, encontro-me firmemente ancorado não num senso comum qualquer, mas na legítima tradição clínica psicanalítica. (C3) Assinalo que na Parte II de *Natureza humana*, onde expõe a teoria freudiana da sexualidade, Winnicott utiliza exclusivamente o material dos *Três ensaios* de Freud e do *Breve estudo* de Abraham. (C4) Como é bem conhecido (voltarei a este ponto no que segue) Winnicott rejeita – e eu concordo inteiramente com ele por motivos retirados da epistemologia e da metodologia das ciências – a metapsicologia especulativa de Freud em bloco, como procedimento de formação de teorias desnecessário e ineficaz.

2) Trecho 1.2

Trata-se de descobrir como é possível viver realizando o programa do princípio do prazer. Viver, aqui, significa envolver-se com objetos sexuais e administrar esses relacionamentos de modo a, pelo menos, diminuir o desprazer.

Naffah: Frase pouco correta. (A) Não se trata de viver realizando o programa do princípio do prazer; (B) no interior da primeira teoria pulsional, trata-se de administrar a vida buscando um funcionamento harmonioso, que leve em conta o princípio do prazer e o princípio de realidade, lembrando que prazer, para Freud significa modulações entre o aumento e a descarga de energia psíquica, buscando uma homeostase do organismo. (C) A partir da segunda teoria pulsional, viver significa administrar a relação entre Eros (pulsão de vida) e Tânatos (pulsão de morte), para que a primeira possa se fundir com a segunda e administrá-la (deslocando sua maior parte para os objetos e constituindo, assim, a pulsão destrutiva), a fim de preservar o organismo do seu funcionamento desconstrutivo. Nesse caso, a pulsão sexual passa a designar um impulso de ligação e coesão de formas vivas complexas (“...a libido das nossas pulsões sexuais coincidiria com o Eros dos poetas e dos filósofos que mantém a coesão de tudo o que vive”, Freud, apud Laplanche e Pontalis, *Vocabulário de psicanálise*, Lisboa, Moraes, 1970, p. 206). (D) Portanto, não tem nada a ver com o sentido de sexualidade do senso comum. Mas, no seu texto, tudo parecer convergir para o sentido comum do termo.

Loparic: (A1) Aqui, sugiro que consultemos *O mal-estar na cultura* (no que segue, citarei, com algumas modificações terminológicas, as páginas da valiosa tradução de *O mal-estar na civilização* da Companhia das Letras (2010), que é referência standard sobre esse assunto:

Como se vê, é simplesmente o programa do princípio do prazer que estabelece a finalidade [Zweck] da vida. Este princípio domina o desempenho do aparato psíquico desde o

começo; não há dúvida quanto a sua serventia [para o propósito da vida], mas *seu programa está em desacordo com o mundo inteiro*, tanto o macrocosmo como o microcosmo” (ed. Companhia das Letras, p. 30; os itálicos são meus).

(A2) Fica claro que Freud fala da vida humana em termos de sexo: vivemos realizando o programa de busca da felicidade em termos de prazeres cujo modelo são os prazeres sexuais (idem, p. 39). Tampouco pode haver dúvida de que a origem dessa tese sobre o propósito da vida humana, enunciada num tom um tanto grandiloquente, não é o consultório de Freud, mas certa vertente da cultura ocidental. (A3) Ao estudar a realização desse programa, Freud não propõe uma metapsicologia, mas se faz historiador de ideias sobre a administração da instintualidade. No “microcosmo”, na vida de cada um, esse programa fracassa, observa Freud, ou só consegue ser realizado pelo trabalho cultural que, contudo, cria um mal-estar. Freud enumera vários caminhos preconizados por diferentes práticas e escolas de sabedoria de vida, presentes em culturas existentes – entre eles, a esbórnica, ou seu contrário, o isolamento ascético, a ciência e a tecnologia, drogas, ioga, religião (aqui devemos incluir filosofia, Epicuro) e paixões amorosas –, mas vê problemas com todos. (A4) Finalmente, Freud revela sua preferência por um método, que, na maioria dos casos, coincide com a *nossa bem conhecida sublimação dos instintos* (idem, pp. 59-60), pelo qual se obtém o *melhor resultado*, apesar da sua fraqueza, que está no fato de ser *acessível apenas a poucos*, de pressupor talentos e disposições pessoais eficazes que não se acham presentes em muitos e de não assegurar a esses poucos uma mais completa proteção contra os sofrimentos (idem, pp. 35-36). Freud não diz quem são esses poucos (não estaríamos lembrados, aqui, dos *hoi polloi* de Heráclito?), mas podemos adivinhar que se trata de certa gente vienense da época dele. Além de fazer apelo a um senso comum que prevalece na cultura da elite intelectual à qual pertence, Freud admite explicitamente que não tem condições de oferecer nenhuma teoria da sublimação, nem empírica nem mesmo metapsicológica, limitando-se a dizer que adota uma linguagem figurativa, metafórica, e que espera que um dia possamos “caracterizar metapsicologicamente” esse processo (idem, p. 35). Sendo assim, eu tenho todo interesse em examinar criticamente o senso comum cultural de Freud e, diferentemente de você, não vejo interesse algum em evocar a metapsicologia quando se fala em princípio do prazer e em sublimação. Estamos mergulhados em pleno senso comum freudiano. (A5) Além de se valer da sublimação, o processo de administração cultural dos instintos, implementado pela elite espiritual identificada por Freud, inclui ainda a formação de *traços de caráter* e, o que é *sua precondição mais importante*, a “frustração cultural”, a “renúncia instintual”, “a não satisfação (supressão, repressão ou o que mais?) de instintos poderosos” (A6) Quais instintos? Freud hesita e admite até o fim da vida

que hesita. Segundo uma versão, na qual Freud se vale de novo do senso comum, trata-se de instintos de caráter sexual, especulativamente, de amor, e os de fome, na metapsicologia, sádicos, de destruição. (A7) O programa cultural que se vale da frustração transforma os componentes sexuais da instintualidade em sintomas neuróticos e os agressivos, em sentimento de culpa. Esse é, diz Freud em 1930, “o destino imposto ao instinto pela cultura” (*O mal-estar na civilização*, p. 60). O preço é alto: o mal-estar na cultura. (A8) Vejamos, então, alguns aspectos do programa cultural da elite freudiana para lidar com esse mal-estar, começando pelo relativo aos instintos de amor. A receita para a obtenção do prazer/felicidade nesse caso consiste em “deslocar de tal forma as metas [*Ziele*] dos instintos [*Triebe*], que eles não possam ser atingidos pela recusa [*Versagung*, resultando em ‘frustração’, termo usado em lugar de ‘recusa’ em várias traduções] pelo mundo externo”, a saber, pelo programa da cultura. Aplicada sob pressão da censura cultural, essa estratégia de deslocamento (*Verschiebung*) ou flexibilização das fixações (metapsicologicamente: geração da libido livre), não nos afastamos de objetos, nem criamos objetos. Agarramo-nos aos objetos, só que agora aqueles de maior valor cultural, e conseguimos também “eivar suficientemente o ganho de prazer a partir de fonte de trabalho psíquico e intelectual”. O prazer deixa de ser a satisfação sensual, primária e grosseira, dos instintos, resultando em mais “finos e elevados”, por exemplo, na “alegria do artista no produzir [*am Schaffen*], ao dar corpo a suas fantasias” (p. 35). Por meio desse tipo de prazer – poderíamos chamá-lo de “espiritual”, *que não nos estremece “fisicamente”* –, não apenas evitamos o desprazer, que seria uma meta de cansada resignação, mas atingimos a maior realização positiva possível da felicidade (p. 39). (A9) Anoto que, no exemplo do artista, Freud diz produzir (*schaffen*) e não criar (*schöpfen*). Em alemão, Deus é dito *Schöpfer*, criador do mundo, não *Schaffner*, denominação que, aliás, designa uma função subalterna no processo de produção. O mesmo caráter metonímico e não criativo é atribuído ao deslocamento em sua descrição de 1908, em “Moral sexual ‘cultural’ e nervosidade moderna”. Sem dúvida, devemos levar em conta o que Freud diz sobre os sonhos, a realidade psíquica e a fantasia, processos no aparelho psíquico envolvidos na produção cultural. Mas, em todos eles, o deslocamento percorre caminhos que estão sob o domínio do princípio do prazer e que, portanto, não são livres nem criativos, tal como a assim chamada associação livre é dominada pelo programa do princípio de prazer. (A10) O programa da cultura para a agressividade não recomenda sublimação – gastronomia à parte, que Freud não considera, a fome não pode ser sublimada, fantasiada – mas aumento de sentimento de culpa pela culpabilização. A receita para a frustração do prazer de agressão, o sadismo constitutivo, é a criação do supereu (metapsicologicamente, Superego), ele mesmo “sádico”, que muda o alvo da agressão e se dirige contra o próprio indivíduo, o seu eu,

estabelecendo-se então como “consciência” moral persecutória, isto é, como consciência de culpa constitutiva, originária, cuja manifestação é a necessidade de punição, o que faz da culpa uma *felix culpa*, culpa feliz, que precisa ser aumentada pela cultura (Companhia das Letras, p. 92) e, de resto, pela terapia recomendada por Freud. (A11) Freud pensa os programas do princípio do prazer e da cultura também macrocosmicamente, introduzindo, de forma especulativa, os instintos de Amor e de Morte – aos quais dá uma aura filosófica, recorrendo explicitamente à *philia* e ao *neikos* de Empédocles, filósofo, cientista e mago, e também mitológica (Eros e Tânatos) e mesmo bíblica (Deus e Diabo), com a tese de que 1) há luta entre eles, entre ligação (amor) e destruição (incluindo fome), conteúdos da vida humana em geral e 2) o programa da cultura deve funcionar como aliado do Amor. Discutirei, no que segue, o interesse científico desse tipo de teorização. (A12) O programa cultural para a criação de uma elite freudiana que se vale da frustração tem, inevitavelmente, um alto preço: o mal-estar na cultura. Um exemplo da maneira como a pedagogia sublimatória pode ser utilizada na criação de um grupo social de alta cultura, no caso, o povo judeu, e do preço a ser pago para tanto (passagem errante pelo deserto, assassinato de Moisés fantasiado por Freud) é dado em seu texto *Moisés, seu povo e a religião monoteísta*, em particular na parte II, seções C (Avanço na espiritualidade) e D (Renúncia ao instinto). (B, C) Confesso que não sei como ir buscando a homeostase do meu organismo. Tampouco vejo sentido algum na afirmação, avançada por você em explicação da posição de Freud, de que “viver significa administrar a relação entre Eros (pulsão de vida) e Tânatos (pulsão de morte)”. Não há como viver assim a não ser fantasiando, o que aliás não é incomum observar entre os adeptos, não da teoria empírica freudiana, mas da mitologia freudiana da sexualidade. Na resolução de problemas da vida sexual identificados por Freud em 1905, os poetas e os filósofos do Eros, evocados por Laplanche e Pontalis, são de pouca ajuda. Vale deixar claro: quando recorre a Eros e Tânatos, Freud não utiliza essas palavras como um cientista empírico, que descreve fenômenos, nem mesmo como cientista que especula, mas como *ideólogo*, Jung diz como *profeta*, do progresso da humanidade em direção ao que é mais elevado, calcado em seu *discurso edificante*, emprestado de um caldo cultural da sua época tomado por esclarecido. (D) Concordo inteiramente com você quando diz que a sexualidade da metapsicologia “não tem nada a ver com o sentido de sexualidade do sentido comum”. Mas, se é assim, cabe perguntar se, diferentemente do que esperava Freud, a linguagem da metapsicologia seria *útil e necessária* no estudo da experiência da atividade sexual e humana de vida em geral. Além disso, não vejo como ela pode ajudar na *interpretação* do material de transferência versado forçosamente na linguagem comum, isto é, do senso comum.

3) Trecho 1.3

Viver, aqui, significa envolver-se com objetos sexuais e administrar esses relacionamentos de modo a, pelo menos, diminuir o desprazer. As dificuldades surgem das situações da vida sexual.

Naffah: (A) Valem, aqui, as mesmas observações feitas anteriormente sobre o termo “sexual”. (B) Além do mais, a partir da segunda teoria pulsional, viver passa a significar, mais do que tudo, poder criar representação, e inserir na memória, eventos traumáticos que permanecem sem representação e exteriores ao psiquismo, sob a domínio da pulsão de morte. São essas marcas, não representadas e não memorizadas que ameaçam a vida, ficando à mercê da pulsão de morte e gerando compulsões à repetição. Ou seja, trata-se, não mais de evitar o desprazer, mas, justamente ao contrário, de ser capaz de lidar com o desprazer da angústia e de suportá-lo, a fim de poder significar esses eventos traumáticos. Portanto, a questão é muito mais complexa e multifacetada do que você a pinta.

Loparic: (A) Para discutir Freud em geral e, em particular, para fins de comparação das ideias de Freud sobre a vida humana com as Winnicott, ganhar-se-ia muito, como disse, levando em conta a teoria freudiana da sexualidade de 1905, que é descritiva e foi formulada sem as teses da metapsicologia mecanicista do *Projeto* e ainda não foi invadida pelo *mix* da metapsicologia dos anos 1915 e posteriores, meio mecanista, meio psicológica, meio mitológica. (B) Não faço menção à ideia freudiana de vida, que é dominada, em todas as suas cenas, pelo instinto de morte, por razões que explicitarei a seguir. Algumas delas são, em boa parte, as mesmas que as de Winnicott.

2. Fragmento 2, copiado do segundo artigo de Loparic na *Cult e desdobrado em trechos seguidos de observações de Naffah*

1) Trecho 2.1

Winnicott estabeleceu um forte contraste entre a sua concepção de um modo criativo de viver – que permite ao indivíduo construir uma vida que, mesmo sofrida, vale a pena ser vivida – e a concepção freudiana de um modo de vida adaptativo, a serviço da maximização do prazer sexual, na sujeição às restrições impostas pela sociedade (repressão) ou pela razão (sublimação).

Naffah: Frase equivocada em vários aspectos. (A1) Deixando Winnicott de lado – já que não é da sua visão dele que estou tratando nessas observações –, vamos ao trecho: “...a concepção freudiana de um modo de vida adaptativo, a serviço da maximização do prazer sexual, na sujeição às restrições impostas pela sociedade (repressão) ou pela razão (sublimação)”. Ora, não se trata, efetivamente, de “um modo de vida a serviço da maximização do prazer sexual”, (B) já que, aqui, novamente, você utiliza “prazer sexual” no sentido do senso comum. (C) Por tudo o que já disse nos comentários anteriores, não é disso que se trata, e sim da administração de Tánatos por Eros (esse é o último Freud!). (D) Além disso, o “modo de vida adaptativo” – que você opõe ao criativo de Winnicott – mostra-se totalmente equivocado quando pensamos em

“sublimação”, já que esta pressupõe *criação* de cultura (arte, ciência etc.). (E1) Por último, a repressão em Freud não é provocada, primariamente, pela sociedade (isso é Reich!), (E2) mas pelo excesso de angústia no psiquismo (a sociedade somente entra num segundo plano).

Loparic: (A) Convido você a considerar, que, em Freud, o princípio do prazer consagrado culturalmente é soberano. Só que o prazer tem seu preço, macro e microcósmico. Trata-se de gozar, digamos assim, mas há de se pagar para gozar. O negócio é pagar o menos possível. Melhor que a via da neurose ou a mística é, diz Freud, a sublimação facilitada pela psicanálise. Não se consegue tudo, apenas o máximo possível nas circunstâncias. O programa não se realiza por completo, diz Freud, mas nem por isso é abandonado. Poder-se-ia observar que há seres humanos que nunca chegam a ser dominados pelo princípio do prazer por simplesmente não terem ainda começado a existir, mas isso seria uma outra discussão. (B) Cá pra nós, não sei qual seria o sentido da expressão “prazer sexual” a não ser o da experiência comum. Fico lhe devendo isso. (C) Falar em administração de Tânatos por Eros, quando não é mera retórica, é, deixe eu lhe dizer, mistificação, além de ser conversa fiada. O problema não é o recurso ao mito grego ou bíblico, mas o fato de ninguém saber o que fazer com Eros e Tânatos na vida real e na clínica. Em contraste tanto com o Freud clínico como com o metapsicólogo, vale ressaltar aqui, Winnicott entende que o que está em jogo na vida humana, o propósito (*purpose*) da vida, não é sexo, nem o gozo, ainda que incerto, nem o acorrentamento de Tânatos por Eros ou a vitória de Deus sobre o Diabo, comentada em *O mal-estar na cultura*, mas a realidade sentida, a experiência de viver criativamente, inclusive quando fazemos sexo, que precisamos alcançar, mas que pode nos escapar entre os dedos quando estes não conseguem tocar em nada. (D) Deixe-me repetir: a sublimação não é criativa, é metonímica, essencialmente repetitiva e recai sempre, fantasiando ou não, no que já está aí. Encontrar é reencontrar, diz Freud em 1905 e o repete em 1915. Em Winnicott, o encontrar, quando espontâneo, não impingido, é essencialmente criativo. A cultura não é criada pelos sublimados, mas, em grande parte, pelos que lutam para se sentir reais fazendo eles próprios existir algo; pelos angustiados, sim, cuja angústia (ou, vamos dizer, infelicidade?), entretanto, não é freudiana – nem a descritiva, de castração, nem a metapsicológica, gerada pelo instinto de morte, que tem excessos e medidas, que está no psiquismo –, mas aquela mais bem chamada de agonia, agonia impensável, reveladora da ameaça de aniquilação da experiência de ser e de continuar sendo, e que impulsiona para realizações excepcionais. (E1) A repressão que gera a lei da exogamia é primariamente externa; na mitologia freudiana, é exercida pelo pai na horda primária e, na sociologia freudiana, pela própria sociedade. Fica internalizada pelo processo cultural

freudiano, que está na origem da “instância” do supereu/ego. **(E2)** Creio que aqui você fala de novo a linguagem de Klein (“excesso de angústia no psiquismo”). Repito: em *O mal-estar na cultura*, Freud diz que a repressão é o destino da instintualidade imposto pela cultura, que é um fator externo. **(F1)** Já que você insiste repetidas vezes na necessidade de considerar, no contexto da nossa discussão, a metapsicologia freudiana, à qual você dá um forte colorido kleiniano, tentarei explicitar ainda por que eu não levo em conta esse tipo de teorização de Freud ao falar da concepção freudiana de vida humana. **(F2)** A metapsicologia de Freud – baseio-me aqui em meus textos anteriores (ver *Acervo Loparic* no Google) – é um conjunto de conceitos elaborados, no estilo de teorização preconizado por Kant (cujo projeto crítico é seguido por Freud) e, posteriormente, por Brentano (professor de filosofia de Freud) e Mach (filósofo empirista apreciado por Freud), como *convenções* sem conteúdo factual clínico, *úteis* para orientar a pesquisa, razão pela qual são chamadas de heurísticas (facilitadoras da descoberta), e *necessárias* para a organização dos resultados obtidos (por exemplo, para sua simplificação). Por serem convenções, esses construtos – cada edição dessa superestrutura teórica do tipo *como se (als ob, just so)* – podem ser abandonados, sem perda dos dados da pesquisa empírica, e substituída por uma outra, desde que tenha maior eficácia heurística e poder organizatório (Freud, *Autobiografia*, 1925). **(F3)** No *Projeto*, Freud construiu uma metapsicologia fisicalista, consistindo em modelos mecânicos, alguns hidráulicos, de processos psicológicos, como os evocados por você acima, que, segundo ele próprio, se revelou inútil e desnecessária e, por isso, foi abandonada como tal, não chegando a ser publicada. **(F4)** A partir de 1914/1915, ele começou a elaborar uma metapsicologia psicológica especulativa centrada no conceito especulativo de libido livre, ou energia psíquica, um modo de teorização que utiliza conceitos descritivos dos estados da consciência (representação, lembrança, desejo, angústia etc.) para dar conteúdo empírico ao conceito especulativo mencionado. Freud aderiu ao energetismo da época (Ostwald), pois esperava que esse construto pudesse ser de ajuda na condução e organização da pesquisa sobre estados e processos inconscientes – e, em particular, do processo de deslocamento das cargas instintuais – de difícil acesso ou mesmo inacessíveis à experiência e, portanto, incognoscíveis como tais, mas que estariam na origem dos distúrbios sexuais. Em 1915, Freud não escondeu que se tratava, nesse caso também, de uma superestrutura descartável erguida sobre a teoria empírica da sexualidade e dos distúrbios neuróticos. **(F5)** Nos anos 1920, para organizar novas descobertas clínicas (neurose de destino, reação terapêutica negativa etc.), Freud mudou de novo sua superestrutura metodológica e introduziu as ficções dinâmicas, e não mais energéticas, de instinto de vida e de morte, elaboradas numa linguagem recheada de analogias mistas, tanto físicas como psicológicas, tanto da mitologia grega como da bíblica,

reconhecendo explicitamente seu caráter fantasioso, admitindo sua substituição por uma terminologia fisiológica ou mesmo química. (F6) Em 1937, a metapsicologia é reconhecida como sendo um mito científico, uma bruxa, cujas revelações haviam se tornado indispensáveis para Freud no estudo da totalidade dos fenômenos psíquicos, e semelhante, diz ele, à bruxa a quem Mefisto pediu uma poção de amor para que Fausto pudesse enxergar em Gretchen o modelo de todas as mulheres. (F7) Em 1938, no *Compêndio de psicanálise*, Freud cedeu mais terreno às bruxas, deixou de tratar Eros e o Instinto de Destruição como convenções de caráter mitológico, substituíveis por outras, formuladas em outras linguagens, e passou a considerá-los um “enriquecimento da ciência” da psicologia, podendo reivindicar o mesmo valor de aproximação dos fatos que as equivalentes *construções auxiliares* (força, massa, atração) de outras ciências naturais (Companhia das Letras, p. 208). As bruxas enfeitiçaram o feiticeiro. E, com elas, Freud enfeitiçou meio mundo. (G1) Mas o feitiço se virou contra o feiticeiro. Já Abraham, como disse antes, mostrou que a metapsicologia, como metodologia e como forma de estruturação teórica dos enunciados factuais, não é nem necessária nem sequer mais frutífera que um método empírico. (G2) Nas cartas escritas na mesma época que *Natureza humana*, Winnicott explicou por que considera o instinto de morte, em particular, um descaminho teórico. Cito, para deixar mais claro ainda como penso, a carta a Money-Kyrle de novembro de 1952:

Lamento que [você, Money-Kyrle] tenha introduzido aqui o instinto [*instinct*] de morte, porque ele confunde tudo e, do meu ponto de vista, *é um conceito que Freud introduziu porque não tinha nenhuma noção a respeito do impulso primitivo de amor*. Numa discussão, não teria a menor utilidade introduzir a expressão instinto de morte, a menos que se volte diretamente a Freud e se fale da *tendência dos tecidos orgânicos de retomar ao estado inorgânico, o que, no que diz respeito à psicologia, não significa absolutamente nada*, exceto uma afirmação do óbvio. Provavelmente não é verdade nem mesmo na sua forma mais crua e simples.

Em seguida, Winnicott acrescenta (citação ligeiramente corrigida):

É uma pena que Melanie tenha feito um esforço tão grande para conciliar sua opinião com os instintos de vida e de morte, que é talvez a única mancada [*blunder*] de Freud. Não preciso lembrá-lo de que ele tinha muitas dúvidas a seu respeito quando introduziu o conceito pela primeira vez; e também que o termo pulsão de morte é mal-usado na nossa Sociedade mais do que qualquer outro, sendo empregado no lugar das palavras agressividade ou impulso destrutivo ou ódio, de uma maneira que, tenho certeza, teria horrorizado Freud.

Winnicott considera o conceito como a reafirmação por Freud e Klein do princípio do pecado original – que não merece ser levado em conta, sugiro eu, em discussões científicas sobre as condições de realização de uma vida humana sadia:

Por muitos anos, na metapsicologia psicanalítica, a agressividade parecia ser explicada com base na *raiva*. Segundo meu ponto de vista, tanto Freud quanto Klein desviaram-se do obstáculo nesse ponto e refugiaram-se na *hereditariedade*. O conceito do instinto de morte poderia ser descrito como uma reafirmação do princípio do *pecado original*. Já tentei desenvolver o tema de que tanto Freud quanto Klein evitaram, assim procedendo, a implicação plena da dependência e, portanto, do fator ambiental [...]. Se a dependência realmente significa dependência, então a história de um bebê individualmente *não pode ser escrita apenas* em termos do bebê. Tem de ser escrita *também em termos da provisão ambiental* que atende a dependência ou que nisso fracassa [...].

Winnicott foi mais longe ainda. Na parte II de *Natureza humana*, ele não apenas abandonou a metapsicologia no seu todo, mas também mostrou que até mesmo a teoria empírica da sexualidade de Freud e Abraham *impede* a pesquisa sobre a natureza humana, pois impossibilita a elaboração de uma teoria da constituição da instintualidade em geral (não reduzida à sexual), da sua integração na pessoa total e da patologia desse processo.

2) Trecho 2.2

A repressão incide sobre as relações objetais de base genital e gera conflitos na realidade interna freudiana, isto é, entre as instâncias do aparelho psíquico, resultando em inibição de impulsos, empobrecimento da experiência de viver, a não ser na fantasia desencarnada, e em várias formações defensivas que caracterizam a neurose individual e coletiva.

Naffah: Outro equívoco: (A) a repressão não incide somente sobre as relações objetais de base genital, mas também sobre as de base oral, anal e fállica, sempre que a angústia gerada se torna insuportável em qualquer um desses registros. (B) E não sei de onde você tirou essa “fantasia desencarnada”! (C) A pulsão é posta por Freud como um impulso com fonte somática e representação psíquica, portanto, como um conceito que faz justamente a conexão entre o somático (corpo) e o mental (que, para ele, é sinônimo de psíquico). (D) Nesse sentido, as fantasias, como expressões pulsionais são totalmente encarnadas!

Loparic: (A) As relações objetais de base oral, anal e fállica são *pré-genitais* e, de qualquer maneira *sexuais*. (B) Fantasia desencarnada é, por exemplo, a dos histéricos. (C) Freud, em sua metapsicologia, nunca explicou como, em sua ficção, o “instinto” de Amor faz a conexão entre o somático (corpo) e o mental. (D) Creio que seja mais avisado atribuir, como

fazem Winnicott e mesmo o senso comum, as fantasias sexuais à elaboração imaginativa pelos seres humanos de suas funções corpóreas, e não os instintos mitologizados.

3) Fragmento 2.3

A sublimação força a transição da área materna da sensualidade para o domínio do pai e da razão povoado de objetos mais elevados, mediante sujeição à lei do pai (ao social) ou aos ideais da razão prática. Estes recebem configurações mentais, não integradas numa pessoa e que podem ser vistas, sugere Winnicott, como formas do falso si-mesmo, personalidade complacente que vive na e pela mente, de forma estereotipada, sem relação íntima com o funcionamento do corpo ou mesmo com a imaginação.

Naffah: Vários equívocos: (A) “sujeição à lei do pai” não é Freud, é Lacan. (B) Quanto a: “...configurações mentais, não integradas numa pessoa e que podem ser vistas, sugere Winnicott, como formas do falso si-mesmo, personalidade complacente que vive na e pela mente, de forma estereotipada, sem relação íntima com o funcionamento do corpo ou mesmo com a imaginação”, novamente, não sei de onde você tirou isso! (C) E lhe digo mais, se foi sugerido por Winnicott, como você diz, ele estará totalmente equivocado! Não terá lido Freud com o cuidado necessário! (D) Os objetos criados pela sublimação são, como todas as formações das transformações pulsionais, engendrados pelo psicossoma, conforme afirmei no comentário anterior. (E) Lembre-se de que Freud disse que o ego é, primariamente, corporal (e, somente, num segundo momento ganha dimensão psíquica) e que o corpo é, em sua totalidade, uma zona erógena, ou seja, um palco no qual Eros trabalha na edificação da vida, por meio de uma fusão com Tânatos, para o controle e dominação da pulsão de morte. (F) Nesse sentido, não sei mesmo o que isso tudo tem a ver com o falso si mesmo complacente winnicottiano, que se forma como defesa esquizofrênica diante de falhas ambientais insuportáveis. Não é viajar muito longe?

Loparic: (A) Aqui estou falando da proibição do incesto pelo pai primitivo mítico, cujos ciúmes sexuais e violência resultaram em seu assassinato pelos filhos, gerando culpa que só foi redimida pela consequente submissão a sua vontade nos termos da lei de exogamia. Aqui, Lacan segue Freud, só que à maneira dele. (B) Eis os textos de Winnicott de onde tirei o que eu disse sobre a maneira como os sublimados do tipo freudiano assimilam sem incorporar configurações mentais vindas do exterior.

1) Em *Natureza humana* (1954) lemos que um falso self se desenvolve “sobre uma base de submissão e se relaciona com as exigências da realidade externa de forma passiva” (p. 127).

2) Num trecho de 1958, dedicado à criação do supereu, Winnicott diz entender que, segundo Freud, o supereu é criado por *processos mentais adaptativos*, não pela *incorporação*:

Na simplificação [por parte de Freud] do complexo de Édipo, o menino *introjetava* o pai *respeitado e temido*, e por isso levava consigo forças de controle baseadas no que a criança percebia e sentia em seu pai. [...] (A palavra introjeção simplesmente significava uma *aceitação*

mental e emocional, e este termo evitava as implicações mais funcionais da palavra incorporação.) (O ambiente e os processos de maturação, p. 22).

3) Pouco depois, numa palestra na British Psychological Society em 1960, Winnicott desenvolveu com mais detalhes sua concepção do desenvolvimento das ideias de Freud a respeito de supereu/ego. Começa dizendo que o que Freud escreveu sobre o supereu poderia perfeitamente bem ser dito por pacientes cindidos e exemplifica (preservo aqui a terminologia da tradução):

Um paciente pode nos dizer, como recentemente me disse um rapaz de 20 anos, exatamente o tipo de coisas que Freud pôs por escrito ... foi este próprio rapaz [paciente de Winnicott] que elaborou, em uma autoanálise, ter ele em sua mente uma instituição que estava todo o tempo influenciando-o. Isto se achava parcialmente baseado na ideia do pai, e dos genitores em combinação, e aqui ele descobriu que podia lidar com isso através do desafio. Parte se achava baseado, no entanto, em um self analisante e observante muito pessoal, que estudava tudo o que estava acontecendo na vida dele e capacitava-o a passar por isso sem demasiado sofrimento. Isto podia ser chamado de superego, podia ser sádico e ele reconhecia que o seu próprio sadismo ingressara no sadismo do superego; reconhecia também a perversão masoquista, que era uma maneira de lidar com o superego sádico. Disse-me que tentara utilizar o superego sádico transformando-o na parte de si mesmo que abominava, que era um falso self. ... Aquilo de que padecia era a falta de espontaneidade, e a única maneira pela qual podia reconquistar essa espontaneidade que havia perdido era através do uso do álcool, o qual, durante algumas horas, lidaria com esse superego e liberaria sua espontaneidade, sua capacidade de estabelecer relacionamentos e de tentar alcançar a heterossexualidade. (Explorações psicanalíticas, p. 354)

Depois de mostrar num caso clínico as consequências para uma pessoa do estabelecimento de um si-mesmo falso que se serve de um supereu mental, sádico e cindido, Winnicott resume o seu ponto dizendo: “deve ter sido de pacientes como este que Freud coligiu o material para o seu trabalho sobre o superego” (p. 354). Na sequência, observa que desenvolveu esse tema em “A Mente e sua Relação com a Psique-Soma”, reunindo dados clínicos relativos ao surgimento e à natureza do supereu com o conceito de falso si-mesmo:

Referi-me a um falso self que vive através de uma mente ou uma vida intelectual que se tornou separada da psique-soma. Por muito que admire aqueles que podem considerar intelectualmente um conceito, estou sempre à espera de um fracasso por parte do analista em lidar com este problema do paciente que possui uma mente clara e que, contudo, não se

encontra intimamente relacionada ao corpo em funcionamento, à psique e ao ego corporal. (Explorações psicanalíticas, pp 353-354).

(C) Pelo que sabemos, Winnicott foi um leitor muito atento de Freud e, ao mesmo tempo, um pensador ousado. Por isso, eu me esforço a ler e reler Winnicott com muita atenção.

(D) Não entendo o que você quer dizer ao caracterizar a sublimação como uma das “transformações pulsionais, [cujos objetos são] engendrados pelo psicossoma”. (E) Aqui, de novo, você mistura linguagem observacional (corpo, zonas erógenas) e metapsicológica (Eros fusionado com Tântatos) e eu me declaro vencido pelo incompreensível dessa mistura. (F) Pois é, veja o texto de Winnicott citado acima.

4) O sistema freudiano

Naffah: (A) O sistema freudiano pode ser, sem dúvida alguma, passível de críticas e de transformações. Todos os sistemas teóricos o são. Aliás, o próprio Freud nunca o propôs como definitivo, já que o foi transformando o tempo todo, ao longo da vida. Mas ele não é, de forma nenhuma, simplório, como a sua descrição sugere. Os psicanalistas da segunda e terceira geração, sem dúvida, o enriqueceram, Winnicott entre eles. (B) Mas, ainda acredito que sem Freud não haveria Ferenczi; sem Ferenczi não haveria Klein e, sem Freud, Ferenczi e Klein, não haveria Winnicott. (C) Heidegger foi, sem dúvida, um grande filósofo, mas ele nem mesmo aceitava a noção de inconsciente, não é verdade?

Loparic: (A) O meu Freud seria simplório? Bem, em certo sentido, é mesmo, se for reavaliado na perspectiva aberta pela revolução winnicottiana. O paradigma freudiano não dá conta do que se propõe, seja em termos terapêuticos – ser instrumento para o tratamento de distúrbios do viver humano individual em geral (o famoso “Freud explica”) – ou ideológicos – servir de base para a formulação e realização do programa da cultura para o desenvolvimento da espécie humana guiada pela elite cultural freudiana. Sua escolha da sexualidade como ideia-guia para o estudo das patologias do desenvolvimento humano individual e coletivo, sua insistência no princípio do prazer e o recurso à metapsicologia mitologizante como bússola da pesquisa e forma de teorização apresentam-se hoje como posições gastas, coisas do século XIX. O que sobrevive, como contribuição revolucionária e decisiva, é, parece-me, o Freud empírico e clínico, da pesquisa e tratamento de conflitos internos, da regressão, da transferência, da interpretação e do cuidado, sim, do cuidado com o paciente em tratamento. (B) Vejo que você coloca Winnicott em boa companhia. Não há como negar que o seu paradigma é resultado de uma mudança revolucionária da matriz disciplinar de Freud ampliada por Klein. Mas tenho sérias dúvidas sobre a tão propalada tese da dívida de Winnicott com respeito a Ferenczi, com

quem Winnicott, por tudo que sabemos, praticamente não dialoga. Essa tese parece-me, antes, uma construção de historiadores zelosos em preservar a unidade do campo da ortodoxia. Neste contexto, cabe mencionar ainda, que, diferentemente dos três terapeutas mencionados, Winnicott era pediatra e psiquiatra infantil, que ele aprendeu a tratar psicóticos como bebês malsucedidos que encontrava na sua clínica pediátrica e que, nessa base, concebeu a vida humana como o desenvolvimento de tendências inatas para o amadurecimento a serem facilitadas pelo ambiente, não como o desenvolvimento da libido, perspectiva da qual Ferenczi não se libertou. (C) Heidegger era um grande, concordo. Em relação à crítica dele ao conceito de *inconsciente reprimido* da psicanálise, expulso da corrente da consciência, convém observar que ele criticou a ideia de se utilizar por convenção, ficcionalmente – como faz Freud na esteira de Kant (ver o capítulo 1 de “O Inconsciente”) –, conceitos descritivos dos processos conscientes, mentais, representacionais, para se compreender a vida humana em seu todo (ver Loparic, “É dizível o inconsciente?”). Por ser crítico severo do Cogito cartesiano e kantiano como quadro para a elaboração da ciência do homem, Heidegger reivindica a existência, na natureza humana, de modos de ser em princípio inacessíveis à verbalização teorizante e à representação em geral, tese que podemos aproximar do conceito de inconsciente introduzido por Winnicott, uma área do impensável em termos de estados da consciência – que, por não resultar da repressão, mas da privação (da falta de provisão ambiental maturacionalmente necessária), chamei de “não-acontecido”. Mas vamos deixar esse assunto para um outro debate.

Combinado? Não sei, mas talvez tudo o que eu disse neste debate ainda lhe pareça estereotipado.

Grande abraço,

Loparic